

Do sinal e do significado.

Éra minha intenção, conforme disse na semana passada, de entrar dire-
na discussão dos diversos pensadores atuais da corrente analítica, e queria
começar com Santayana ou Meinong. Quando, entretanto, me aprofundei na mane-
ira de pensar desta gente, verifiquei que o território que abrange o seu pensa-
mento é tao estranho àquele que vimos discutindo, que me pareceu indispensável
inserir mais uma noite preparatoria e elucidativa. Quero portanto tentar de me-
neira mais lúcida, e ao mesmo tempo mais comprimida possível, dar uma visão pa-
norâmica daquele terreno. Trata-se de um terreno árido e raso, em cujo centro
se localisa uma única elevação, mas essa tem uma altura tremenda e talvez aquel-
que conseguir subir até o cume, ganhará não somente uma visão integral sobre to-
da a realidade, mas ainda entrará no céu da última sabedoria. O nome dessa mon-
tanha central, à qual os diversos filosofos logicistas, racionalistas e analiti-
cos do século 20 se tentam aproximar das mais diversas direções, esse nome é si-
gnificado, ou "meaning", ou "Bedeutung". Assim devemos compreender a afirmativa
de Laird, quando define a filosofia como "a quest for meaning" (uma procura de
significado). Creio portanto ser necessaria uma análise, por modesta que seja,
desse conceito misterioso.

A disciplina que investiga o significado se chama semantica, semiótica ou sema-
tologia. O que esta nos diz é aproximadamente o seguinte: O nosso espirito é
informado, isto é recebe as diferentes informações que lhe servem de materia pr-
ma nas suas operações, de duas fontes distintas, a saber dos sentidos e através
de sentenças ouvidas ou lidas. A maioria das informações provem da segunda fon-
te e consiste em palavras. A minçria das informações provem dos sentidos e con-
siste naquilo que provisoriamente chamarei de objetos, ou coisas. Como surgem
esses objetos, essas coisas, no meu espirito, e como se manifestam? A ciencia não
diz, por exemplo, que aparece um certo campo eletro-magnético na minha proximi-
dade, e que este campo provoca em meu corpo processos como acumulo de saliva na
boca e sangue no estomago, processos esses acompanhados e seguidos de modifica-
ções nervosas. Se o campo eletro-magnético que provoca essa reação já tiver
sido experimentado diversas vezes no passado, isto é se o meu corpo estiver con-
dicionado a ele, ele provocará na minha consciencia sinais como "azedo", "vermel-
ho", "redondo", e "duro"; dos quais surgirá, finalmente, um símbolo, a saber a pa-
lavra "maça". Se o campo eletromagnético tiver sido experimentado no passado
somente da maneira aproximadamente semelhante, surgirão diversos sinais, mas
não darão origem a um símbolo. Se o campo eletromagnético não tiver sido ex-
perimentado nunca antes, não dará origem nem a sinais, não será conscientemente
percebido. No primeiro caso podem dizer que a nossa experiencia era significa-
tiva, no segundo que era sem significado, no terceiro não podemos falar em ex-
periencia sensu stricto. (Notem, de passagem, que tudo que disse até agora não
é ainda epistemologia, e sim fisiologia e psicologia, portanto são passos prepa-

ativos). Pois bem; o conjunto todo, isto é o campo eletromagnético, a reação fisiologica
os sinais e o símbolo forma aquilo que chamamos objeto, ou coisa. Campo e sím-
bolo são portanto os dois lados extremos da coisa, sendo o campo o último re-
síduo daquilo que o século passado chamava de materia, e o símbolo corresponde
ao conceito dos idealistas. A divisao da filosofia tradicional em materialista
e idealista, e todos os estagios intermediarios do século dezanove, não passam,
em consequencia, de pontos de vista sobre o objeto, ora visto da sua pontinha
"campo", ora visto da sua pontinha "símbolo", ora, como no século 19, da regio
intermediaria do reflexo condicionado e do sinal. Quanto aos problemas episte-
mologicos, estes se resumem em darmos preferencia, na análise da origem da coi-
sa, aos processos fisiologicos, então seremos empiristas, ou aos sinais, então
seremos voluntaristas, ou ao símbolo, então seremos racionalistas. Se dermos
preferencia ao campo, seremos cépticos como Hume, e negaremos a possibilidade
de qualquer epistemologia. De toda forma, devemos concordar todos que aquilo
que torna a coisa presente em meu espirito, e a torna portanto significativa,
é a pontinha chamada símbolo, portanto uma palavra.

Volto agora ao ponto de partida, quando falei das duas fontes de informações,
que alimentam o meu espirito, a saber os sentidos e a conversação com os outros.
Tornou-se agora óbvio, como espero ter demonstrado, que ambas as fontes nos for-
necem palavras. Em consequencia, os processos espirituais consistem em proces-
sos linguísticos, e o papel da filosofia se resumem em análise da lingua. É
um erro semantico dos filosofos querer se preocupar com aquilo que antigamente
foi chamado de "mundo fenomenal". Esse mundo, que de acordo com a nova termi-
nologia consiste de sinais, já está completamente lotado pelas diversas cien-
cias e não tem mais lugar para a filosofia. Aliás, o papel da ciencia é justa-
mente de organizar os sinais de tal maneira para darem origem a símbolos, isto
é adquirir um significado e fazer a filosofia possível. Detenhamos-nos
aí um instante.

do sinal e do significado.

Eu disse que a materia prima da ciencia é o sinal, portanto o simbolo ainda nao alcançado. A ciencia trata portanto de objetos imperfeitos, trata de um mundo que nao é ainda perfeitamente real, um mundo que carece de significado. O papel da ciencia é justamente de transformar esse mundo num mundo real e significativo, mediante a organizaçao dos sinais entre si de tal forma para poderem ser simbolizados. Em outras palavras a ciencia é a tentativa de tornar o mundo fenomenal articulavel, de preferencia em simbolos matematicos, e dessa maneira realiza-lo e torna-lo significativo. Nessa tentativa a ciencia procede da seguinte maneira: Ela isola um fenomeno de todos os demais e ignora todos os seus aspectos salvo um unico. Esta fase se chama experiencia científica, e equivale a transformaçao do fenomeno em sinal no sentido acima exposto. Esses sinais isolados formam, conforme disse, a materia prima da investigaçao científica. Os sinais isolados formam a base de sentenças como por exemplo esta: "Eu isolei oxigenio na agua mediante eletrólise. Se Você fizer a mesma coisa, conseguirá o mesmo resultado." A ciencia chama essa fase de hipótese. A semantica dirá que o sinal "oxigenio" entrou numa definiçao operacional para poder ser simbolizado. O próximo passo da ciencia será a frase seguinte: "Toda vez que faço eletrólise, a água se dividira em duas partes de hidrogenio, e uma parte de oxigenio". A ciencia chama isto de teoria. A semantica dirá que a água foi simbolizada mediante enumeraçao dos seus sinais, e que o simbolo assim alcançado, H₂O, dá a todo processo da eletrólise um significado.

A ciencia é portanto uma disciplina cuja meta é organizar os sinais para dar origem a simbolos de preferencia matematicos. Trata-se portanto de uma disciplina puramente formal, e, como tal, despida de significado. Porque, uma vez alcançado o significado, a ciencia abdica em favor da filosofia. Em outras palavras é a ciencia um passo preparatorio para a filosofia. Mas nao é o unico passo. A arte e a religiao sao outras tentativas de simbolizar os sinais, isto é formar o mundo articulado, torna-lo real e portanto significativo. Ciencia, arte e religiao sao, portanto, as tres fontes principais da lingua. Sao os criadores de simbolos, e portanto da realidade. E, em consequencia, sao os tres passos preparativos da filosofia, a qual, por sua vez, é um estudo da lingua, "um quest for meaning". É principalmente nestessentido que a filosofia reassume o papel central no pensamento, que tinha perdido praticamente desde o tempo de Aristoteles, readquire a importancia da "philosophia perennis".

Repito que o papel da filosofia é organizar os simbolos entre si, isto é analisar e reformar as diversas linguas. As linguas sao por assim dizer organizaçoes de simbolos préfilosoficas, e portanto, defeituosas. Este papel da filosofia parece ser bastante árido e pouco indicado para elevar as almas. Se, entretanto, reconhecemos que a alma nao passe de um tecido feito de palavras, e se admitimos que todos os problemas espirituais sao, portanto, em última análise, problemas semanticos, entao uma reorganizaçao da lingua equivale a uma revalorizaçao de valores, embora num sentido bem anti-nietzscheano. E por esta razao que os novos filosofos chamam a si mesmos de analistas, logicistas, e até positivistas lógicos. Positivistas, porque a palavra é compreendida como o lado positivo do objeto. Trata-se de um positivismo racional num sentido que Comte nunca teria sonhado.

A primeira coisa que a análise descobre é a multiplicidade das camadas na lingua. Os simbolos nao sao todos equivalentes, mas divergem quanto à sua distancia do sinal que lhes deu origem. A palavra "maçã" por exemplo, é um simbolo de primeira ordem. Ela significa (isto é mostra com o dedo para/= deutet auf, bedeudet) os sinais que mencionei na primeira página. A palavra "fruta" pertence a uma outra camada de significado. Posso dizer "uma maçã e uma pera sao duas frutas". Nessa frase estabeleci uma relaçaõ entre "maçã" e "pera", e outra relaçaõ entre "maçã" e "fruta". As regras que me possibilitam de estabelecer essas relaço es se chamam a lógica, isto é disciplina da palavra. Os Gregos que eram filosofos muito mais autenticos de que os modernos, sentiram a primazia de logos, e aristotales, o último dos grandes, conseguiu elaborar uma lógica que continuou válida até praticamente o século 20. Mas a análise atual revela essa lógica como tristemente insuficiente. Por exemplo, a lógica aristotélica nao sabe distinguir entre uma frase como: "A maçã é uma fruta", e "a maçã é uma palavra". Outro exemplo: "Pedro é um aluno" e "Pedro é um sobrinho". Outro exemplo: "Este menino é Pedro" e "Este menino é Pedro ou Paulo". Em todas frases como estas o que importa é a relaçaõ de simbolos de diversas camadas de significado, e neste ponto Aristoteles fracassa redondamente. Torna-se portanto construir uma série de lógicas novas que teremos ampla oportunidade de discutir nas sextas feirasvindouras.

A segunda coisa que a análise descobre, apoiando-se nas camadas, sao os erros do syntax. A organizaçao dos simbolos sao produz significado dentro de uma

Sinal e significado.

camada determinada, ou entre duas camadas previamente definidas. Nessas relações, surgem significados claros, certos ou errados. Por exemplo: "Uma maçã e uma pera são três frutas" é uma sentença significativa, embora falsa, porque os símbolos "maçã" e "pera" pertencem a mesma camada de significado, e o símbolo "fruta" pertence a uma camada tal que forme a classe da qual a camada de "maçã" e "pera" formam um tipo. Mas a frase: "Uma maçã e uma pera são dois" carece de significado, não é falsa nem certa. Aí surge um problema que teremos também oportunidade de discutir de ângulos diversos. Como último exemplo dessa espécie de problemas mencionarei os símbolos vazios. São símbolos que nada significam, embora sejam símbolos verdadeiros. Dou como único exemplo o símbolo "círculo quadrado". Eis outra fonte de discussões entre os logicistas. Que este exemplo sirva de demonstração da qualidade escolástica e medieval da nova filosofia.

Passarei agora a considerar o aspecto por assim dizer estético do território sob estudo. Quanto mais abstrata a camada de significado de um símbolo, isto é quanto mais distante ele é do sinal, tanto mais fracamente reagimos. A nossa vivência é tanto menos violenta. Se ouço o grito "fogo!" reajo mais violentamente de que se ouço a frase: " $(a+b)^2$ ". Outro exemplo, dado por Russell: Se um guarda me pergunta: "Quem é Você?" e eu respondo: "Olhe para mim, sou eu" a resposta, embora logicamente certa, é esteticamente falsa. Todo o problema da ironia, do cômico, mas também da isolação trágica e da incomunicabilidade entre pessoas, da qual trata a arte moderna, está enterrado neste aspecto das camadas de significado. O aspecto estético do problema do significado revela, também, o vazio, a tautologia, inerente na lógica simbólica, e nos aproxima do conceito do nada de um lado totalmente diverso do existencialismo. O matismo de Wittgenstein não é menos angustiante que a queda para a morte.

Finalmente mencionarei o lado ético deste conjunto de problemas. A criação de uma língua artificial poderá conduzir, conforme crê uma parte dos logicistas, a uma dissolução de todas as camadas de significado nas quais impera o conceito do pecado. Uma língua assim puramente formal e lógica poderia servir de ponto de referência às camadas mais grossas, e essas poderiam ser traduzidas na nova linguagem. Neste sentido a nova filosofia é, no fundo, socrática. Sócrates ensinava que maldade era fruto de ignorância, e que o pecado era erro. A opinião dos semanticos da atualidade é praticamente a mesma. Para dar um exemplo: A frase: "Os bolchevistas são assassinos" conduz a um certo comportamento ético que pode ser modificado para melhor se essa frase for analisada da seguinte maneira: "Que x seja "bolchevista" e que y seja "assassino" e que pertençam esses dois símbolos à mesma camada de significado, então que exista uma relação entre x e y tal que quando x então y". Essa análise revelará, conforme crêm esses pensadores, a qualidade altamente hipotética da primeira frase, e essa revelação modificará o comportamento da humanidade do emotivo para o racional e eliminará a maldade, embora não elimine o erro. Grande parte dos analistas não compartilha essa ingenuidade otimista, mas todos consideram o comportamento racional como um desideratum.

Como Vocês estão vendo, o mundo dos logicistas é um pouco árido e cheio de técnicas. Era portanto necessário abrir o caminho de acesso. Daqui por diante, assim espero, o progresso será mais fácil. Limito esta noite a duas páginas e meia, porque considero o conteúdo um pouco compacto e quero dar mais ampla espaço à discussão subsequente. Peço-vos, desta vez, de me perguntar e de não argumentar, porque se deve tratar, desta vez, de uma exploração do terreno, e não da procura de um caminho de avanço.